

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1258	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	120	10 de Dezembro de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	5950	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	5950	120		

Comemoração do 1.º de Dezembro



O CHEFE DO ESTADO, MEMBROS DO MINISTERIO E DA CAMARA MUNICIPAL ASSISTINDO À LEITURA DO DISCURSO DO SR. DR. SILVA AMADO, PRESIDENTE DA COMISSÃO 1.º DE DEZEMBRO, JUNTO AO MONUMENTO DOS RESTAURADORES

CRONICA OCCIDENTAL

Assistimos, no Teatro da Republica, á representação da extraordinaria obra de Ibsen — *Os espectros*.

Não nos é dado dizer, precisamente, propriamente, da impressão profunda que a interpretação do Oswald, feita superiormente por Zacconi, vestigiou para sempre, no nosso espirito.

Altas horas da noite, nestes momentos perturbados em que derramamos, sobre papel vulgar, diluída em tinta de escrever, a nossa alma surpresa de maravilha e espanto — ainda aquella pobre mascara de

Oswaldo, contorcionada, convulsa, lívida, se ergue, na sombra, em evocação tragica, aos nossos olhares sonambulicos, a obcecarnos insistentemente, a envolver-nos sem remissão no circulo de terrôr panico, *paura* de misterio, que o enreda irremissivelmente.

Oswaldo estatuou-se em espectro — e a sua sombra, rígida, gigantesca, suprema, amplifica-se, mais e mais, e projecta-se, ardida de verdade, sobre a consciencia humana.

A tragedia de Ibsen é um estudo, rude e firme, sem complacencia nem restrições, do vicio do alcool que alastra em doença e tara persistente pelas gerações porvindas na sua fermentação estuosa.

A interpretação que Zacconi dela fez, não se define por hiperboles de elogio ou linhas retas de critica — paira muito acima destas pequeninas coisas ambientes, deslumbra e assombra como a propria verdade. Exato nas minucias e configuração geral da personalidade — Zacconi chega, por vezes, a requintar cruelmente na análise escarpeladora dos sentimentos e instintos que latejam surdamente.

Estatua modelada pelo genio — a expressão da sua fisionomia toma, de momento a momento, cambiantes diversissimas e surpreendentes de realidade. Pavôr, espanto, desvairo, riso, cólera, loucura, as minimas nuances da sensibilidade — o seu gesto exprime-as, sempre, claramente,



TEÓFILO BRAGA

perturbadôramente. Zacconi surge — e a atenção perde a noção de ambiência e distancia, converge para ele toda. E' que o grande-actôr domina sem resistencia pela sinceridade flagrante do seu processo, afasta de nós, num simples gesto, a apreensão da teatralidade e desarma a previsão de possíveis e faceis expedientes profissionaes.

Na caracterisação do Oswald — colheunos de surpresa, e arrebatou-nos de frenesi.

Ibsen criou a obra-prima e modelou-a, — Zacconi anima-a, dá-lhe o fogo sacro da sua alma e fervôr do seu grande coração de artista.

Leitura de Ibsen dá-nos as suas figuras de vida, marcadas de epoca, vincadas pelo rictus do vicio, tatuadas do destino; mas ante nós, elas vagam e perdem-se em misterio e distancia. O grande-actôr integra-as na realidade, transporta-as para o nosso meio e apaga-lhes as auréolas de alemundo.

Assim, o morbo tragico que vai minando, pouco a pouco, insistente, a Oswald, imprime, nitidamente, profundamente as suas modalidades, no gesto e expressão fisionomica de Zacconi — anciedades, exaltações subitas, pavôres incompreensíveis, amnesias, raivas, desesperos, tristezas, tremuras nervosas, repentes de erotômano, todas as grandes e pequeninas miserias de hereditariedade que fermentam num organismo depauperado.

Organisação vigorosa de artista — Ruy Coelho conseguiu impôr-se á opinião rebelde e acéfala do nosso meio pequenino

de literatura e arte. Esboçou no espaço ruidoso um belo gesto — e a turba calou de surpresa e espanto.

Por momentos, enlevadas na magia de arcos melódicos, as feras fôram domadas e aquietaram-se somnambulicas.

Porquanto, na verdade, a energia tenacissima, sem quebra nem dobra, indefessa, de Ruy Coelho, musculou-se na grandeza serena e vitoriosa dum domadôr de feras...

Venceu!

Primeiro de Dezembro — dia de jubilo nacional, dia de evocação e comemoração, o «Serão da Infanta» foi realiado com solemnidade e aplauso, no Teatro de S. Carlos. Sobre o libreto do grande-homem-deletras e grande sabio, que é, sem contestação, Teófilo Braga, tratado, por certo, com mimo e propriedade — Ruy Coelho bordou musicas de encanto toadas de sentimento, motivos de graça, curvas de som, que se erguem, mais alto e mais, em girandola, num alegre vivo, como grinaldas, para, em breve, se esfolharem mansamente e acariciarem, num deliquio de extase, o ar morno da noite...

A pavana vem, musica de movimentos, somnambula de fantasia, nostalgia de irrealidade, a espaiar de sonho a esfinge muda do espaço.

Ao longe, vagamente, um solo de harpas, melódico, subtil, abre a amfora dos seus perfumes de som, que se disseminam e alastram em nebulosa remotissima...

Quanto á realisação scenica da opera — diremos que notavelmente se distinguiram Cesarina Lyra e Alfredo de Mascarenhas. O corpo coral acompanhou hesitativo e gracioso.

Primeiro de Dezembro!

Como soe dizer-se em cronicões — o dia amanheceu puro e alegre.

Entanto, se ainda é licito respeitar a verdade e o tempo, reconheçamos que o dia decorreu fastidioso e lento e finalisou nublado e triste.

Primeiro de Dezembro!

Alguns, proclamam, com gesto heroico e voz *di castrati*, que é de supremo jubilo para portuguezes, este dia lindo de comemoração e galas. E' certo. Assim sob a influencia de tropos oratorios e anhelos de gloria maior e maior regosijo, esperemos pacientemente, que Portugal resvale, mais fundo, na cava de S. Bento, para termos — lusiadas genuinos — o esforço de erguê-lo, mais tarde e mais alto, a um novo e mais fulgente sol de redenção e victorias.

Demonstremos, para espanto de estranjas, que nos corre estuosamente nas veias o sangue dos Albuquerquees terriveis e horriveis Nônes...

Primeiro de Dezembro!

Alfim, abriram, em inauguração de pompa, o Teatro Polyteama e a barraca monumental de S. Bento.

Um, novinho, patusco, pandego, com gambiarras de vista hipnotica e pano de bôca faminta, e, outro, velhorro, postigo, acomodado á epoca e á grita esturdia, prenhe de resonancias discordes e decorações rocócós — tiveram, por ventura, *premières* auspiciosas de gloria e longas prosperidades.

No teatro da Rua Eugenio dos Santos,



RUY COELHO

recitou-se com solenidade e gestos de convicção, a austriaca e circunspecta *Valsa de Amôr*. Na barraca monumental do Largo das Cortes, cantaram-se com gracioso entono e tom de brêgeirice, as portuguezissimas catilnarias de opposição.

Assim como assim, nestas duas excellentes casas de espectaculos e diversões, as galerias aplaudem com denodo.

ANTONIO COBEIRA.

OUTONO "CHIC"



Não encontro nada... *ahors moden*
Por Norberto Corrêa

Transfiguração



ENVOLTO em sombra, modelado em sombra, Alguem
Anda rondando manselinho á tua porta,
Morto-viva... Eco de silencio... Vida-morta...
Presença fluidica e espectral de Alem...

Hora-perdida... Frase que se envola, sem
Palavras, duns labios de virgem linda e morta...
Anda rondando manselinho á tua porta...
Envolto em sombra... modelado em sombra... Alguem...

Olôr que morre na demanda dos perfumes
Que dantes eram carne de beleza e flor...
Sol na agonia dispersiva dos seus lumes...

Sombra de sombra... Christo... Morto no Calvario,
- Quero resuscitar, divinizar-me - Amor -
- E ser - Eu - dentro de Ti como num Sacratio!

Antonio Lobato

PELO MUNDO FÓRA

Na serie de commemorações historicas em que tem sido fertil o anno prestes a findar, deve mencionar-se o *centenario da independencia da Hollanda*, festejado ruidosamente em todo o paiz. Foi a 19 de Novembro de 1813 que os condes *Gijbert Harel van Hogendorp*, *Adão Francisco Juho Armando van der Duijn von Maasdam*, e *Leopoldo van Limburg Stirum* decidiram proclamar a independencia da sua patria. Nesse mesmo dia foi hasteada a bandeira nacional em *Haia*, começando o levantamento geral que teve por epilogo o desembarque do *principe Guilherme de Orange*, em *Scheveningen*, em 30 do mesmo mês. A Hollanda estava salva.

A *Albania*, o novo estado europeu creado pela *Conferencia de Londres*, festejou com luzida pompa o primeiro anniversario da sua independencia. *Avlona*, a capital d'esse novo paiz, recebeu festivamente os representantes internacionaes, que saudaram *Ismael Kemal bey*, presidente do governo provisório. Este paiz, cujas fronteiras não estão definitivamente marcadas, prepara-se para receber o soberano escolhido pelas potencias, o qual, segundo as mais recentes informações é o *Principe Guilherme Frederick Henrique de Wied*, nascido em *Neuwied* em 1876, irmão mais novo do Principe de Wied e sobrinho da Rainha da Rumania. Casou em 1906 com a *Princesa Sophia de Schönburg Waldenburg*, de quem tem uma filha de 4 annos. Seu irmão, o *Principe Victor de Wied*, é secretario da legação allemã de *Christiania*. O Principe Guilherme de Wied está largamente relacionado em *Berlim* e *Potsdam*; nunca tomou parte activa na politica, tendo seguido a carreira militar e occupando actualmente o posto de capitão do 3.º regimento de *Uhlans* da guarda.

Um acontecimento europeu que interessou vivamente a Allemanha, foi a *destituição do soberano da Baviera*, o desgraçado louco *Othão I*, e a ascensão ao throno do Principe Regente Luis, filho do Principe *Luitpold*, fallecido no anno passado.

A loucura do rei *Othão*, que ha 27 annos tem vivido na mais densa treva mental, ignorando tudo quanto interessa ao seu reinado, é assumpto para longas divagações sobre a fatalidade que por tanto tempo vem pesando naquelle malfadado throno.

Luis I perdeu a corôa em consequencia do amor que consagrava a *Lola Montes*.

A excessiva protecção aos sabios, a monomania litteraria e artistica, apartou da realidade o immediato successor, *Luis II*, alcunhado de *misogyuo*, consequencia talvez da extraordinaria protecção dispensada por elle a *Wagner*.

A lenda do misogynismo é facilmente destruida, como se vae vêr.

Fugindo á vida da côrte, que mal se harmonizava com o seu temperamento, Luis II passava o tempo ora a fazer versos e a cantar romanzas, ora percorrendo

a cavallo, em loucas correrias nocturnas, as selvas e as montanhas. Por vezes disfarçava-se em caçador, descansando numa estalagem, cujo proprietario tinha uma filha encantadora—*Rosa de Linderhof*—por quem o monarcha se apaixonou de veras. Rosa acompanhava-o nas suas correrias nocturnas. Mas o idyllio durou pouco, e o seu logar no coração d'esse Hamlet coroadado, foi em breve preenchido pela *Princesa Sophia*, irmã da *Imperatriz da Austria*.

Era forte esse amor, mas as razões d'Estado, obstaram ao casamento. Não convinha á Prussia o ficar vinculada á Austria.

Bismarck, o *chancellor de ferro*, tomou a seu cargo a destruição d'aquellas relações de tão intenso amor. Os dois jovens procuraram resistir a todos os obstaculos. Luis escreveu, de seu proprio punho, ás côrtes da Europa annunciando-lhes o seu matrimonio. Baldado empenho: as cartas foram-lhe interceptadas pelos ministros, á ordem de *Bismarck*. O monarcha, ancioso por adquirir a sua liberdade, pensou na abdicção; mas receou as consequencias, sobre tudo os levantamentos populares, que *Bismarck*, já nos pródromos da guerra com a França, a todo o custo desejava impedir.

Pretendeu-se convencer a *Princesa Sophia* das perniciosas consequencias d'uma ligação com o rei Luis. Tudo foi inutil. O seu amor era invencível: estava disposta a lutar contra tudo.

Bismarck não era porém homem que dobrasse com taes argumentos, e, exgotados os processos da razão, appellou para os do sentimento. Procurou arteiramente que *Rosa de Linderhof* se apresentasse em *Munich*, no palacio da *Princesa Sophia*. As duas mulheres, ligadas entre si pelo affecto ao mesmo homem, falaram largamente. Quaes os argumentos que a filha do hospedeiro empregou para vencer o coração de *Sophia*, é segredo até agora não desvendado. O que é certo é que desde então Luis da Baviera não tornou a vêr o anjo dos seus sonhos.

Eis o inicio do tal misogynismo do monarcha. A vista d'uma mulher leva-o ao maior desespero, pois faz-lhe recôrdar esse sonho desfeito. Dão-se então innumeras scenas de loucura, que se caracterizam pela construcção de palacios dignos de *Aladim*, á custa de enormes emprestimos. Organizam-se grandiosos espectaculos musicas, sob a direcção da musa estupenda de *Wagner*. Muitas noites, o rei Luis, vestindo o arnez argenteo de *Lohengrin*, atravessava o lago proximo do castello, numa lancha puchada por um cysne mechanico!...

Estas excentricidades produziram serio desgosto na côrte de *Berlim*. Um dia, inesperadamente, o castello de *Neuchwanstun* foi invadido por uma turba de funcionarios commissionedos pelo imperador para darem a sua opinião sobre o estado mental de Luis II. Não faltava o imprescindivel medico, o *Dr. Gubber*, que attestou a loucura do soberano, que desde logo foi encerrado no *Castello de Berg*, junto do lago de *Starnberg*. O medico vigiava-o attentamente.

Um dia appareceram fluctuando nas aguas tranquillas do lago de *Starnberg* os corpos do galeno e do monarcha. Fizeram-se cabalas, conjecturas, supposições; falou-se d'uma tentativa de fuga, frustrada pela

tenacidade do doutor cerbéro, que preferira perder a vida a deixar fugir o novo Hamlet. Eis um mysterio que desde 1886 ninguem conseguiu pôr a claro.

A vesania do monarcha levou-o talvez a buscar a morte d'um modo isento de grandeza, arrastando consigo esse *Dr. Gubber* que havia certificado a sua loucura.

O fogo amoroso consumiu a razão e a vida do desventurado soberano da Baviera.

Annos mais tarde, a *Princesa Sophia*, então *Duqueza d'Alençon*, morre tambem, consumida por outro fogo, que nada teve de amoroso. Foi uma das victimas do *Bazar de Caridade*, incendiado em *Paris*.

Rosa de Lindorf, essa, parece viver ainda, recordando talvez essas noites longinquas, em que ella teve a ventura de ser amada por um rei.

O irmão de Luis II, o rei *Othão*, deu muito cêdo provas de incapacidade mental, sendo necessario estabelecer uma regencia, que agora era exercida pelo Principe Luis. A constituição do reino e a lei da familia dos *Wittelsbach* não contavam a loucura persistente no numero das incapacidades para governar. Mas o povo bavaro estava desgostoso com tal situação e exigiu a revisão da Constituição. Um novo artigo estabelece que uma doença mental incuravel é incapacidade para reinar. E assim, o regente Principe Luis, o parente mais proximo do rei *Othão*, succedeu-lhe no throno, sob o nome de *Luis III*. O rei *Othão* continúa a ter as honras de soberano (que aliás nada lhe interessam), errando vagamente nas salas do castello de *Fürstenried*, onde a sua resistencia physica assistirá, no dizer dos medicos, ao perpassar de muitos annos.

O novo monarcha Luis III tem 68 annos; é doutor em direito pelas *Universidades de Munich* e *Erlanger* e director honorario da *Escola Polytechnica de Munich*. E' casado com a princesa *Maria Thereza* da *Austria-Modena*, de quem tem nove filhos: os principes *Rupert*, *Carlos* e *Erancisco* e as princessas *Aldegunde*, *Maria Hildegarda Wiltrude*, *Helmtrud* e *Gondelinde*, em cujas veias corre sangue de *D. Miguel II* e da *Infanta D. Maria José de Bragança*.

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.



A Vila Museu

Caminho fóra, Lisbôa a Obidos, ia desenrolando-se vertiginosamente a paisagem verde e farta de Cintra a Torres. O combóio levava de galgão as légoas em soberbo andar.

Era um encanto aquilo! Agora, — enrugava-se, para a atmosphera transparente e leve, o espinhaço de sáurio antediluviano da Serra de Cintra, — o Castello da Pena alcandorado, e a vila rojando-se-lhe de raso no sopé, com os telhados rúbdos como lábios de hectáfras. Depois, — passavam os ricos vinhedos de Torres, a agachar-se na campina cheia de sol o casario, branco em guisa de postura fabulosa de aves gigantes; e, equilibrando-se pelos cômos, como cegonhas em um pé só, as



PELOURINHO D'OBIDOS

casitas rústicas, insuladas e de microscópicas aldeias, de cunhaes pintados a roxo ou vermelhão.

Viagem rápida, levada num antegoso, e lá está, hirto na hierática póse de divindade nemésica, o velho Castelo de Obidos, no cocuruto de morro escaldado e inexpugnável.

A' noite era de ver a vila morta! Armava cenário histórico esse burgo forte que Dom Afonso I, o Salteador, roubou aos guerreiros do Islam.

A lua prometia-se. O céu estava límpido. Por tal coisa, o *lampadarius, maximus* e *rex* porque era simplesmente, muito simplesmente, *solus et unus*, havia de não acender na via pública as luminárias municipaes. Era o *Consuetudinario* visto e previsto. Embrenhava-se a escuridão nas ruas tortuosas da vila, fechando-a dentro de um nevoeiro de treva densa. Pelas lojitas abertas, — cristalizadas, as pobres! — corridas de vergonha como velhotas descaídas do prestígio épico da beleza de um dia bem chorado, bruxoleava a medo uma luz cá e acolá, a darem todas elas no silencio dos écos uma sensação de frio sepulcral!

Eu tinha chegado ás onze da manhã, sob o cansaço de um sonho ébrio, e na consonancia da voz das distancias metida no hino do sol que faiscava nas pedras russas, e se estendia pela Varzea da Rainha a perder-se para as bandas da lagôa.

Ao entrar pela *Porta do Cerco*, de arco baixo, a curva de meia volta, a pedra da muralha em fiadas regulares, sentira-me entrar no recinto da História. Havia silencio: a paz dos séculos, vivos apenas ao recorda-los. Emanavam evocações.

Em redor, ruínas e mais ruínas, dormia — tudo o que ali viveu —, um sôno de olvido e abandono á sombra pifia de

duas ou três árvores infêzadas, perdidas, únicos guardas no recinto. Acarneiram-se as pedras, sôltas dos aparelhos das muralhas; desventra-se uma torrêla como velhissima mumia de veterano, a pulverizar. Tudo silencio, ermo e desolação.

Pela corredôira da muralha que cinge a vila num cinto de pedra e de morte, os fantasmas dos séculos ganhavam fórmulas plásticas. Nos adarves e terrados alvejava o albornoz do Mouro, defensor heróico em nome da Fé; ás portas era o Português ousado e valente, aventureiro como o sol, que ia em busca de uma independencia de féra altiva, e de um enriquecimento de terra, — merecedor devêras da liberdade doméstica que procurava.

Eu ia pisando as pedras colocadas por ordem dos morenos *emires* de barba em bico, aqueloutras poisadas quiçá pela mão cabeluda dos homens do Fundador do Reino, ou ordenadas pelo feliz engenho dos capitães do Rei Formoso durante as guerras com Castela. Os bastiões e baluartes, seteiras e *machicoulis*, guardados por homens de dardos e fundas, coroados de besteiros de garrucha e bodoque, luctavam por Dom Sancho II contra o Usurpador bolonhês: o que, numa das mais soberbas defezas da honra de menagem, e da fé jurada, — a par de Celorico e Coimbra — valeu para a vila heróica o título de *sempre leal*.

O castelo esbelto, e altivo como um repto, dava sombra á multidão de espéctros: o Rei Lavrador, — a simpática Dona Isabel, Rainha e Santa, a quem o marido entregára em doação a *notavel e sempre leal vila de Obidos*, — Dona Leonor éssoutra simpática figura de mulher, envolta na cruciante lenda da infinita dôr de mãe, — e *alcaldes-môres*, cavaleiros, açafates, donzeis...

— Na noite funda ha um silencio santo — Num sonho feito só de luz e encanto...

Lembravam-me no ermo os versos cristalinos do eterno Poeta da Solidão harmoniosa, o sublime espirito de Anthero do Qental.

Por entre as casas perfiladas em planos encandolados, espaçava-se o firmamento, aberto num imenso manto de gaze de um azul luminoso, tecida de sonho e de pensamento. No zenite lucilavam estrelas de prata, como pestanas inquietas dos olhos

de anjos gorditos, sorridentes, que espreitavam a terra cochichando uns com os outros.

Caminhava eu para o quarto que me haviam destinado. Eram dez horas. Os passos resoavam nas pedras meúdas da calçada; no silencio, erguidos e empolados, impressionavam como se andasse em cima de uma esfera ôca. A meu lado o velho Barrote, sacristão de não sei quantos séculos e de todas as dôze ou mais igrejas e capelas da vila, atirava o pêso paquidérmico, ora sobre uma ora sobre outra sapata, num estrondo de troar.

Na escuridão, onde a lua beijava já as silhuetas, passava por portaes góticos, balcões alpendrados; encontrava igrejas de alçados negros aos recortes, continuando-se êlas em cordas de cégos tropeçantes como os de Breughel o Velho. As portas da vila traçavam largos nichos fosforescentes.

As fontes carpiam saudades longinhas das Margaridas gentis, e das cantarinhas asadas, elegantes, de muitos séculos. E a água corria sem fim, no eterno murmúrio de môira encantada e invisível que desapareceu do luar para esconder-se ali.

Nem um canto de saudade, na bôca de qualquer menestrel emoldurado na treva!

O pelourinho de calcáreo negro apontava para o ar na recordação hirta do que fôï. E mais abaixo o cruzeiro, de braços abertos, parece tentar num amplexo largo a união de tudo que naquêla Vila Morta fôï vivo um dia.

A cama era nova, num quarto imenso e frio onde ela se perdia. Fôra comprada para uns nôivos demorados. Estreava-a eu. E a mulher que me compôs a poisada, figura carcomida de Museu, disse-me lá do fundo dos séculos:

— E' bem certo o que se diz: guardado está o bocado.

E dormi, quando as pêsadas do Barrote se afastavam. Sentia-me enlevado num Museu, uma *Vila Museu*, cheia de lembranças formosas, de construcções evocadoras em perspectivas pitorescas, — e os quadros da Josefa de Ayala na *Pinacotheca* da Igreja de Santa Maria, dizendo o setecento.

E havia guardas ás portas, fardados de *adaís* ou *almocadens*.

A notavel e sempre leal vila de Obidos!

LUIS CHAVES.

CASTELLO D'OBIDOS
DESENHOS DO NATURAL DE Ribeiro Christino



ALFREDO MASCARENHAS



CESARINA LYRA



AURORA CALDEIRA



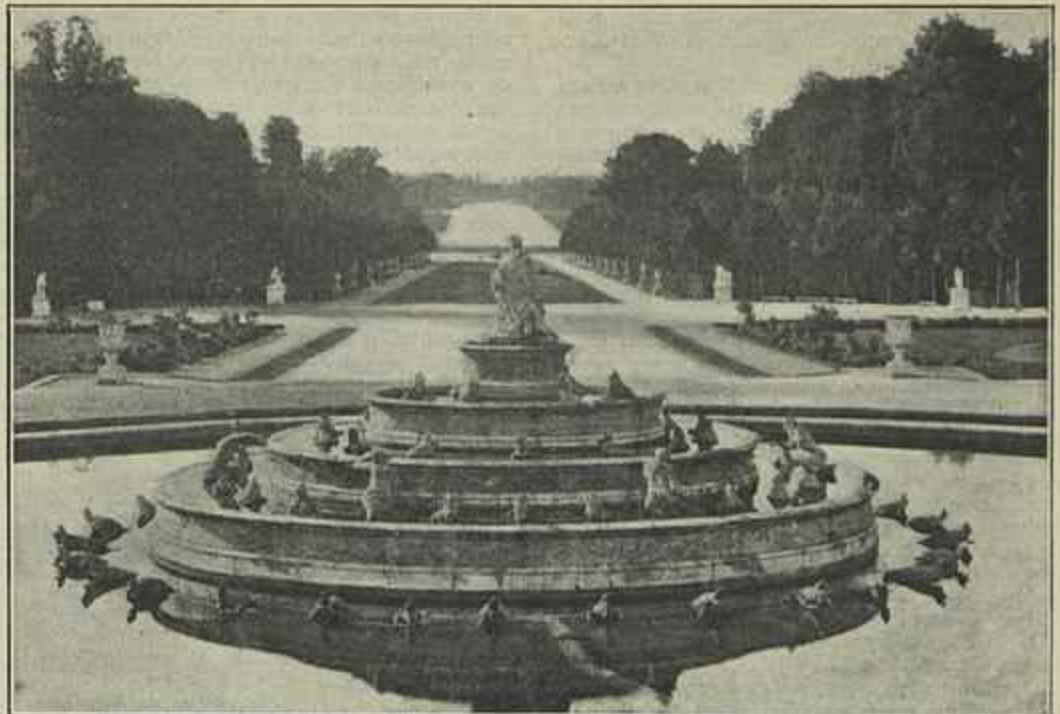
CARLOS D'AZEVEDO



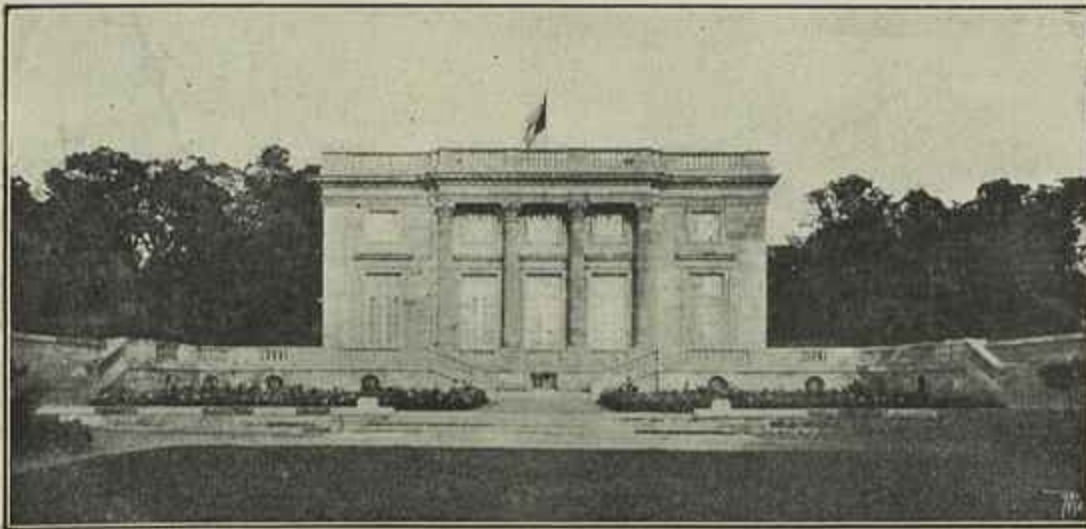
«SERÃO DA INFANTA» — A PAVANA — Vidé Cronica Occidental



MARIA ANTONIETA
(Quadro de Mad.^{me} Vigée Lebrun)



TANQUE DE «LATONA»



O PEQUENO Trianon

Um dia em Versailles

(Notas de um excursionista)

II

SUMARIO: — No Terraço do Palácio. — Grandiosas perspectivas de Le Notre. — Um laranjal francez. — O lago dos Suíços. — O *Tapis Vert*. — Apolo no seu carro alagado. — Uma esquadra de... escadereis. — Navegámos no Grande Canal. — Nos Trianons. — Os côches de gala. — A aldeia de Maria Antonieta. — O espectáculo das Grandes Águas. — Correrias da multidão em busca dos repuchos. — A maravilha do tanque de Neptuno. — Debandada geral ao cair da tarde. — Regresso a Paris.

Terminámos o nosso anterior capítulo, contando ao leitor o aborrecimento ante a teimosa chuinha, que novamente nos apanhava após a visita ao magnífico palácio de Luiz XIV, a qual não só nos incomodava seriamente, como nos estragava o passeio através do soberbo jardim de Versailles, do qual Alfredo de Musset disse nos seus primorosos versos:

*Je ne crois pas que sur la terre
Il soit un lieu d'arbres planté
Plus decrit, plus lu, plus chanté.*

Mas dizem os francezes que é preciso fazer boa cara á má fortuna e assim rompemos com o mau tempo, e para a frente é que era o caminho, embora o caminho fôsse um desagradavel lamaçal. Do Terraço, — uma grande quadra com dois lagos, tendo animaes de bronze aos centros e placas ajardinadas e situado na parte posterior do

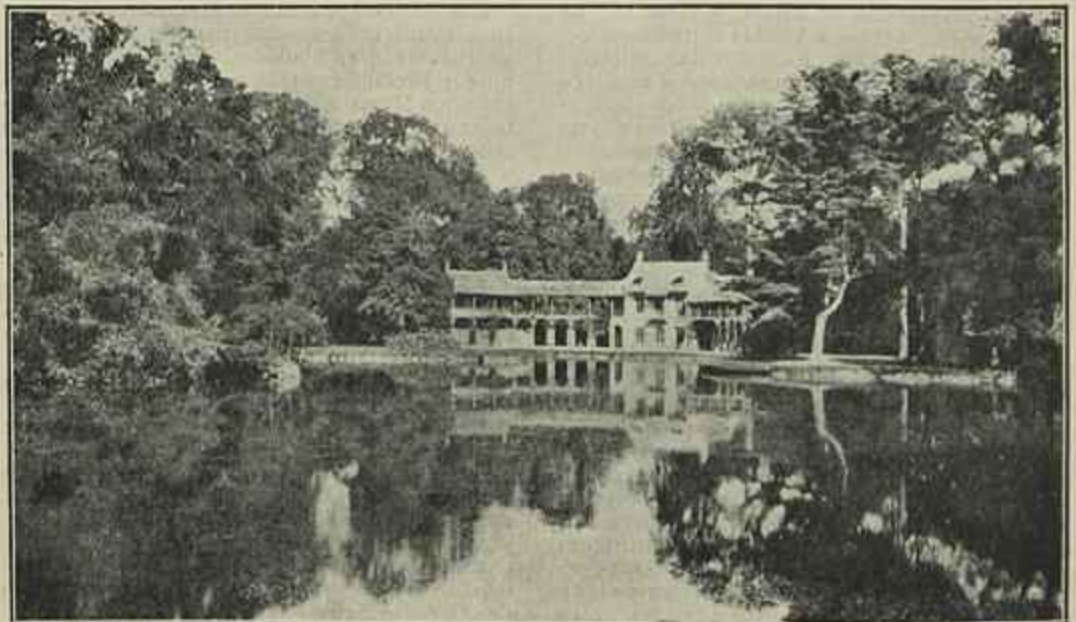
palácio, — tínhamos já ante a vista a maravilhosa perspectiva creada pelo génio de Le Notre, o famoso engenheiro e jardineiro de Luiz XIV, que planeou e fez executar tão grandioso e deslumbrante recreio para os olhos, qual

é o constituído pelo vasto *Tapis Vert*, um tapete extensíssimo de relva eterna, ladeado de copados arvorêdos e seguido das espelhentas aguas do Grande Canal, disposto na direção dos nossos raios visuaes a perder-se ao longe na neblina.

A' esquerda do Terraço outra bela perspectiva, viamos disposta ao longo de um plano mais baixo; ao começo ficava o laranjal, a *orangerie*, com a disposição, assás curiosa para nós outros portuguezes, de vermos as laranjeiras, tão á vontade sob o nosso belo clima, ali dispostas, mais de 3:000, em grandes caixas cubicas, para no inverno as subtrahirem ao frio, ao gelo; adeante abria-se entre o macisso florestal o enorme *Lago dos Suíços*, com 160:000 metros de superficie e assim chamado por ter sido a escavação feita por os guardas suíços ao serviço da realza de França.

Elegantes balaustradas, com belos e grandes vasos decorativos aos extremos, delimitam aquela formosa esplanada do Terraço o qual, no eixo do palácio se abre em larga escadaria cercada de recortados macissos de buxos; é a meio, em patamar circular, que se ostenta o vasto e lindo tanque de Latona, adornado de belas figuras de marmore e de animaes de metal dourado.

Acabada de descer a escadaria de mármore, seguimos ao longo do *Tapis Vert*, ladeado de formosas estatuas pagãs e preciosos gigantescos vasos, quando novas perspectivas viamos desenvolverem-se em arruamentos perpendiculares, ao



O «HAMEAU» OU ALDEIA RUSTICA

Tapis Vert, prolongando-se através o arvoredo e adornadas ao fundo de grandiosos motivos ornamentaes.

Apesar da chuva, não resisti a ir observar um d'elles de mais perto, e não me arrependi, como em tudo que observara até ali, a grande arte em tudo se manifestava; via agora uma praça circular cercada de algumas dezenas de ricas columnas clássicas e tendo ao centro n'um alto pedestal um admiravel grupo de mármore, representando o *Rapto de Proserpina*, esculpido por Girardon.

Ao fim do *Tapis Vert* outro magnifico lago nos solicitava a atenção, era este dedicado a Apolo, mais uma lisonja palaciana em homenagem ao Rei que tomara o Sol por seu emblema; passado este lago estavam nas margens do Grande Canal, tendo este perto de dois kilometros de comprimento e uns sessenta metros de largura o qual encruzando-se com outro tambem identico e o todo emoldurado em velhas grandes arvores, tinha um aspecto colossal de surpreendente beleza e efeito.

O peor era que a teimosa chuva mal nos deixava apreciar todo o seu encanto, que um dia de sol muito mais faria salientar; agora sofrivelmente molhados forçoso foi o abrigar-nos no *Restaurant de la flotille*, aproveitando a espera para se tomar algum reconfortativo contra a humidade.

Como proximo estava o *Lago de Apolo*, melhor então o pude admirar, assim notei que entre varias grandes figurações mytológicas, via-se o deus da poesia no seu carro ou *quadriga*, puchado a quatro encabritados cavalos; tudo fundido em bronze; tendo as rodas do carro e algumas patas dos cavalos meio submersas na agua, pelo que o Francez sempre trocista o alcunhou de «carro atolado», como tambem á estatua de Latôna em seu tanque, lhe chama «Rainha das rãs», pela grande quantidade de aqueles batráchios de metal, que cercam a deusa pagã.

Agora á beira do Grande Canal em que as aguas reflectiam os tons pardacentos das nuvens, via-se disposta uma esquadilha de bates, amarrada ao caes e a uma pequena ponte; uns de rémos, outros de velas e alguns movidos a gazolina, para os quaes alguns tripulantes nos convidavam a embarcar; escolhemos os barcos automoveis e como se fôssemos para Cacilhas... eis-nos navegando para os Trianon, para os tão celebrados palacêtes de Versailles, que devem o nome, ao da aldeia que Luiz XIV adquiriu, para alargamento do gigantesco parque.

Ao extremo do canal que cruzava com aquele em que embarcamos, elevava-se o elegante palacête chamado Grande Trianon, que o rei Sol fixera construir por Harduino Mansard, para morada da favorita Maintenon e para seu refugio pessoal contra as enfadônhas etiquetas da corte.

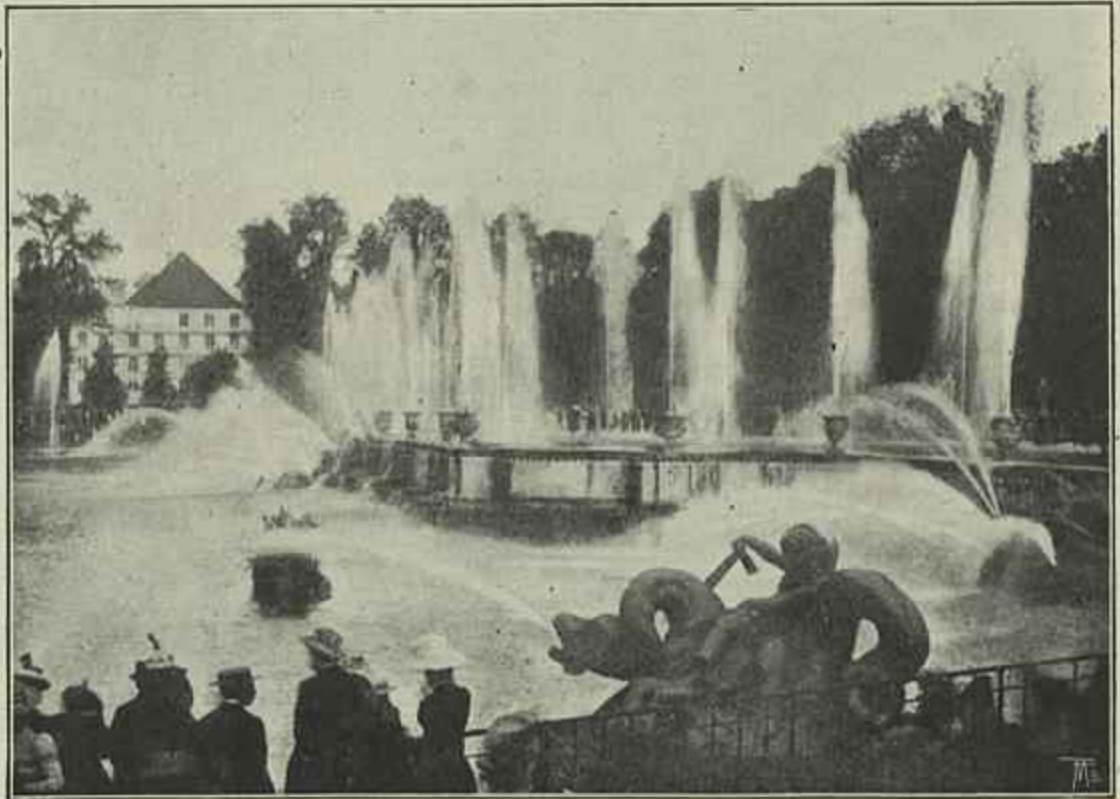
O edificio, de um só pavimento em *rez-de-chaussée*, é dividido ao centro por um átrio de rica columnata, local este que se tornou célebre por se ter instalado ali o tribunal militar presidido pelo duque de Aumale, que julgou o marechal Bazaine. Percorrendo-se o edificio precedido de aparato guarda, vêem-se belas salas e aposentos em que nas parêdes e tectos se ostentam lindas pinturas devidas aos pinceis de Mignard, Boucher, Le Brun, Rigaud, Coypel e Vanloo entre outros artistas famosos em França dos fins do século xvii; como Napoleão I ali residiu tambem, é notavel a mobilia «império» ornamentada a metaes applicados, que se vê no leito, sofás, e mesas do quarto de dormir e anêxos que serviram ao Imperador.

Uma mesa circular com o tampo de uma só tabua de carvalho e uma outra de rico mosaico italiano, dádiva do Papa Pio VII a Napoleão, chamam a curiosidade do visitante, o qual, como sucedera já anteriormente, tem que ver tanta bela coisa de corrida; nas trazeiras d'este histórico palacête existem tambem lindos jardins adornados de um espectacular lago de cascata, com applicações de marmore branco, amarelo e vermelho e lindas estatuas de chumbo doirado, que em determinado dia de cada mez, repucham com encantador efeito.

O nosso agrupamento portuguez entre os quaes alguns se chamavam mutuamente com o cómico *glü-glü* dos perús, ia seguindo o itinerário pelo arborizado arruamento, quando se nos deparou um hangar, onde se guardam os antigos côches de gala da desaparecida realêza franceza; percorrendo-o admirámos algumas lindas cadeirinhas e trenós das rainhas e das favoritas, assim como uns seis côches, sendo um deles, que serviu ao coroamento de Carlos X, de grande riqueza e requintado gosto.

Tive ali porém o prazer de constatar que n'este assumpto a coleção do nosso Museu de Belem é muito mais interessante, tanto como abundancia de exemplares, como de sumptuosidade, sendo um dos mais ricos da Europa, e ante o qual o actual imperador da Alemanha manifestou a sua admiração.

Com esta patriótica e veridica afirmativa e tambem mais satisfeitos por emfim a chuva nos d'ixar, chegamos ante o Pequeno Trianon, outro famoso palacête constituído de dois pavimentos e elevado segundo planos de Gabriel por ordem de Luiz XV, o qual ao contrario do pae só apreciava pequenos aposentos de requintado luxo; n'este a ornamentação interna tem toda a delicada caracteristica do estylo *rocaille*, vendo-se as almofadas das portas, as pilastras, as columnas das varias salêtas tudo delicadamente entalhado nas proprias madeiras das alcôvas e outros aposen-



LAGO DE NEPTUNO

tos; na sala de jantar vê-se ainda patente a fórma como do andar inferior subiam as mexas guarnecidas de comida para o rei jantar, sem a intervenção dos lacaios.

Neste Trianon avultam, porém, as recordações da infeliz rainha Maria Antonieta, cujo retrato, pintado por Roslin, e o de Luiz XVI, por Callet, se vêem, em trajes de gala, no aparato quarto de cama da rainha, além de um magnifico busto da mesma, em biscuit de Sévres, posto sobre um rico fogão.

E' histórico que a rainha Maria Antonieta e as suas damas, influenciadas pela literatura idylíaca de João Jacques Rousseau, quizeram reproduzir, ali em Versailles, a vida pastoril, e assim, os architectos Mique e Robert, construíram, seguindo indicações da rainha, á beira de um pequeno lago, o *Hameau*, ou aldeia rustica, em que havia a *herdade*, a *leitaria*, o *moinho*, o *presbitério*, a *torre*, a *casa do balio* e a *do fidalgo*, recinto onde a corte representava de camponêses.

Estas curiosas construções, que o tempo muito tinha damnificado, foram, nos fins do século, passado restauradas, com o meticoloso cuidado que os artistas francezes usam, tornando-se assim, aquella parte do parque, motivo de grande atractivo, pelo imprevisto de se ver, no meio de tanta arte decorativa, a graciosidade das rústicas habitações, na maioria formadas de troncos e taboados, reflectindo-se no espelho do lindo lago de nenúfares; como contraste, existe porém, ali perto, em estylo clássico, o pequeno Templo do Amor, de mármore, cercado de peristilo corintio, tendo sobre a cupula uma cópia do formoso *Cupido* de Bouchardon.

Um *tramway*, conduz-nos rápido, por fóra dos muros, ao palácio rial, pois aproximava-se a hora das Grandes Aguas; agora o Terraço estava apinhado de espectadores, eram aos milhares os que os comboios tinham transportado para gosarem o espectáculo, que só da Primavera ao fim do

Verão, uma vez cada mez, é dado presenciar; n'aquela multidão ouviam se falar diversas linguas, além da francêsa, o que todos, porém, pretendiam obter era um bom local para gosar os maravilhosos repuchos; assim, nas balaustradas da esplanada, nos degraus da escadaria, nos intervalos dos macissos de buxo, todos aguardavam que se soltassem as aguas do tanque de Latôna.

Segundo e Mytologia, áquela deusa, mãe de Apolo e de Diana. — o Sol e a Lua — tendo-lhe os habitantes da Lycia recusado agua, Jupiter castigou-os transformando-os em rãs; razão por que em volta do formidavel tanque circular, tendo composto o centro com degraus de marmore vermelho sobre os quaes avultam as estatuas de Latôna e seus dois filhos, se vêem numerosas tartarugas, lagartos e rãs de bronze doirado, que tudo agora esguicha agua em volta da deusa,

em quanto outros grandes jactos se cruzam, lançados de dois outros repuxos, produzindo o conjunto fantástico e, como que, animado efeito.

Ao mesmo tempo, outros lagos e tanques funcionam, o de *Apolo*, ao fundo do *Tapis Vert*, em que os enormes cavalos, delíns e figuras de bronze e chumbo projectam jogos de agua em todos os sentidos; mais longe é o *Encêlato*, em que o gigante figura esmagado por um monte, de onde partem jactos até vinte cinco metros de altura.

N'outro ponto, eleva-se o lago do *Obelisco* ou dos *Cem tubos*, por a quantidade e disposição d'elles dar-lhe um aspecto de monumento; para outros lados existem o da *Flora*, o do *Verão* tendo ao centro Cêres cercada de Amôres, afóra outros que se acham dispostos a grandes distancias, entre os macissos de arvoredo, causando-nos espanto a massa e energia da agua necessaria para obter tão formidavel e prodigioso resultado.

Era interessantissimo notar então os movimentos apressados da multidão, da qual tambem faziamos parte; visto n'um sitio um lago, todos queriam ver de perto outro e outro, e, assim, enormes agrupamentos se vêem em marcha apressada, e até correndo, dirigindo-se pelas avenidas e ruas em busca de novos deslumbrantes jogos de agua. Considerando-se bem, não se sabe que admirar mais em tão grandioso espectáculo, se o engenhoso da sua concepção, se a despeza que tal instalação acarretaria; para aquele fim necessário fóra estabelecer depositos subterraneos enormes, ou Mães de agua, na parte alta da colina do palácio; depois as canalisações, até ás formosas esculpturas dos lagos, não falando na famosa machina de Marly, para elevar a agua do Sêna, o que, só com muitos talentos reunidos n'aquela época de Luiz XIV, e com dinheiro sem limite á disposição, se poderia ter conseguido tal maravilha, em que os olhos mal acreditam. Com grande dispendio de conservação, que atinge meio milhão de francos por ano; o governo

francês mantem o estupendo Versailles, fonte aliás de grande receita, que o turismo mundial deixa na protentosa localidade.

Não estava terminada, porém, ainda a festa mensal das Aguas, o clou estava reservado para a ultima meia hora, pois as Grandes Aguas duram seis quartos de hora, assim tudo convergiu para o Lago de Neptuno, um tanque colossal, ocupando um espaço como o nosso Rocio, tendo nos lados maiores curvaturas barôcas, sendo um adorno de cincoenta grandes vasos de mármore; artisticamente dispostos, destacam-se no lago grandes agrupamentos de figuras de metal de deuses marinhos, em que sobressahe naturalmente o carro de Neptuno e Amfitrite, cercado de tritões; o do Oceano e as nymfas, o de Proteo e seus delfins, e varias carrancas e adornos barôcos.

A multidão, constituida por perto de cem mil pessoas, apinhou-se, no entanto, n'um estenso plano inclinado e relvado, fronteiro ao tanque, ou antes lago, na expectativa do prodigio; á distancia agitam-se bandeirinhas azues, silvam apitos e, repentinamente, de todas as figuras e de todos os vasos e motivos decorativos soltam-se dezênas de enormes jactos d'agua, dos quaes os verticaes, que ascendem dos vasos, atingem a altura dos arvorêdos; ao cahirem, as aguas pulverisam-se, outras cachôam no lago, e parece presenciar-se uma mágica, ante a vista deslumbrada por tão diversas combinações.

E' tambem n'essa meia hora que o pequeno tanque dos Dragões, que fica situado na esplanada sobranceira ao de Neptuno, projecta a trinta metros, o mais alto repucho, entre todos do parque; na calçada que de ali vae ao palácio, os lindos Marmousets, ou figurinhas representando trez crianças nuas, colocadas em vinte diferentes grupos, dez de cada lado, segurando tanquinhos de onde repucha a agua, parecendo todos graciosamente terem receio de se molharem; ao alto da subida e entrada do Terraço, ainda n'um tanque avulta um turbilhão de aguas imitando uma pinha colossal; depois, os jactos vão decrescendo, mingam, desaparecem e de todo ficam terminadas as Grandes Aguas, voltando tudo á paz anterior.

E' sol posto, a multidão agora, de vagar, escôa-se pelas varias portas, deixando o maravilhoso parque de Versailles, que eu muito sucintamente vira e apreciara, ficando-me a pena de o tempo não permitir o poder admirar o jardim inglês, onde se encontra, n'uma gruta, o soberbo grupo de Apolo e as Musas, de Girardon; em compensação, no Pateo de Honra, pude examinar mais á vontade as imponentes estátuas de Luiz XIV e as dos seus grandes homens, as quaes, em outro tempo, adornavam algumas das pontes de Paris e que o rei Luiz Filipe, — o organisador do Museu das Batalhas, — para ali logicamente mandára transportar, imprimindo assim grande caracter á faustosa residencia do mais soberbo monarcha da Historia Moderna.

Após o jantar, bem ganho depois de tantas marchas e esgotamento admirativo, novamente o comboio nos levou, pela noite, a Paris; agora ali, nos grandes Boulevards, apinhados de transeuntes nos terrasses, uns passeiando, outros vendo passar, sentados em filas nas frentes dos cafés e restaurantes; atordoava-nos os ouvidos as bozinas dos automóveis e dos autobús, e os olhos os fôcos electricos, os letreiros luminosos, a claridade deslumbrante dos estabelecimentos e dos cinemas, productos da intensa vida nocturna da grande capital; pela imaginação prepassava-me o contraste flagrante entre tão exuberante vida moderna, em que todos procuram gosar, e o luxo e riqueza artistica que uma cásta privilegiada mantinha no maior apogeu para gôso de alguns poucos milhares de individuos, que nos séculos xvii e xviii a constituíam, e de que Versailles era o mais subido exemplar no Mundo.

RIBEIRO CHRISTINO.



QUADRAS POPULARES

Indá bem que a minha amada
Vive nas margens do Douro,
Onde serras mais a encobrem;
São guardas do meu thezouro;

Que ella vale mais que a prata,
Que ella vale mais que o ouro;
Oxalá fosse mais branda,
Não como as serras do Douro!

RAMOS COELHO.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

VII

UMA CONVERSÃO

Ha cinco ou seis annos nos concertos do Conservatorio houve um curioso acontecimento. Alguns amigos pediram-lhe para dar um concerto, a noticia appareceu nos jornaes e os logares fôram disputados por altos preços, um delirio, não calculas!

Já os cartazes estavam postos, dia e hora marcados, quando o director do Conservatorio recebeu uma carta de Destalbert dizendo que não queria ir tocar e sabes porquê?! porque no programma vinha depois do concerto em dô menor de Beethoven, uma obra de Derval do Instituto! Na carta dizia que junto á obra de Beethoven nunca poderia apparecer uma peça d'aquellas! Poderás calcular o effeito! Todos consideraram Destalbert como um doido... Derval diz sempre: «esse pobre Destalbert» Mas agora reparo que não te deixo trabalhar.

— Pelo contrario, o que tu me constate agora interessou-me immenso, gostarei de fallar com elle.

— Mas previno-te que não ouvirás elogios á tua musica.

— Que me importa! lucra-se fallar com um homem que por amor de Beethoven renuncia á sua carreira de gloria.

Quando ficou sósinho Fombreuse retomou o trabalho ainda com mais ardôr, pensando no genio de Beethoven.

— Ah! poder eu fazer uma obra que não môrra e que todos possam ver n'ella o meu talento!

Do outro lado do vâlle, Steinbaum assentado na praia pensava, em frente do mar, na sua obra *Os Graus da Vida*.

Olhando para as ondas, para o ceu coberto de estrellas, o seu pensamento sentia-se balouçar pelo ruido das vagas. Quando voltou para casa já era bastante tarde.

— Que bella noite!

Para os lados de Plougasnon, vendose as linhas confusas do castello de Feunteungoat divisou a custo a luz da janella de Fombreuse.

— A luz do amor! pensou elle. Espera rapaz, o teu amor será reconhecido e estimado.

Logo de manhã Serafina levou á igreja de S. João as flôres campestres que ella colhêra com Fombreuse.

Ouviu missa dita pelo reitor, um velho sacerdote com olhar de criança. A missa apenas assistiam quatro ou cinco mulheres. Uma paz de claustro reinava na igreja, sentindo-se cá fóra os cantos dos passaros e o murmurio da fonte. Pelos vitraes os primeiros raios do sol espalhavam diversas côres pelo cruzeiro e altares.

Depois da missa, as mulheres sahiram vagarosamente e Serafina ficou a arranjar as flôres dos altares.

Fombreuse, no cemiterio assentado na pedra de um tumulo, relia uma fôlha de musica.

O reitor, que sahia da igreja, apertou a mão de Fombreuse.

— Bom dia, sr. Fombreuse. Pediram no castello de celebrar na minha igreja missa com bella musica. Artistas deveriam cantá-la; o projecto, ao principio agradou-me. Todo o cura de provincia tem direito em festejar o bom Deus. Mas reflecti e vou dizer que não. Peço-lhe para agradecer á sr.^a condessa de Rudenis a sua bôa intenção.

— Mas...

— Meu caro senhor, estamos em uma região onde não é necessaria tanta pompa para festejar e amar Deus. Nas vossas cidades é necessario chamar gente ás igrejas, aqui não é necessario, basta o cantochão; as vozes não são bonitas, mas isso pouco importa. Os artistas cantarão melhor os hymnos a Deus, mas o bom Deus contenta-se com os nossos canticos simples. Depois, a vossa musica é um pouco theatral para esta gente. Venha o senhor ouvir no domingo o nosso *Tantum ergo* e *Parce Domine* e depois me dirá o seu effeito. Emquanto ao orgão está bem, o vosso amigo poderá continuar, é o instrumento do nosso bom Deus; ajuda os bretões a resarem o terço atravez do sonho da sua piedade. Peço para dizer isto tudo á sr.^a Rudenis. Qualquer dia lá irei visita-la. Agora vou dar um passeio d'alguns kilometros, ver uma pobre mulher que está a morrer, prepara-la para o grande passeio a caminho do paraíso; o assumpto é urgente e sagrado.

Fombreuse entrou na igreja.

Serafina ficou surprehendida de o ver tão cêdo. O compositor, a passos lentos, foi ter com ella.

— Tinha a certeza de a encontrar aqui. Vou agora executar no orgão uma obra que V. Ex.^a me inspirou. E' um poema que traduz tudo que sinto por V. Ex.^a

Serafina não sabia o que responder, na sua garganta havia palavras que não se ouviriam! Deixou cahir as flôres nos degraus do altar, e por momentos esqueceu-se por completo onde estava!

Fombreuse subiu ao orgão.

Quando o compositor dedilhou uns leves acôrdes, as vozes do instrumento espalharam-se pela igreja solitaria.

Serafina sentia-se envolvida n'aquella musica. A obra de Fombreuse cantava as delicias da vida, desvendando todavia outras regiões mais elevadas. A melodia era pura e bem lançada.

Serafina desceu os degraus do altar e abandonando as flôres atravessou a igreja com o peito oprimido e com os olhos cheios de lagrimas.

Fombreuse, da tribuna, via tudo, e abandonando o orgão, desceu do côro e veio ter com ella que já estava cá fóra sentada n'um banco de pedra.

— Minha senhora, desculpe me, sim? A sua oração tão pouco poderá ser agora terminada, pois não tocarei mais.

— Ah! sr. Fombreuse, as minhas orações já não são como eram antigamente, fogem do coração.

— A minha musica resará por vós. Ainda não reparou, que depois da primeira vez que a vi, que a minha exis-

tencia pertence-lhe? A sua innocencia illuminou o meu pensamento. Não vá para o convento, não queira morrer na penitencia e na solidão, o meu amor encherá a sua vida de doçura e paz.

Serafina, absorvida pelas palavras de Fombreuse, sentia o coração bater com violencia, e não ousou olhar para elle.

Fombreuse quiz deixá-la n'aquelle momento em que a sua alma se debatia e de longe ainda olhou para traz para ver, mais uma vez, aquella imagem dos seus sonhos.

Serafina, entrou novamente na igreja, mas d'esta vez não pôde resar com a devida attenção...

VIII

UM DESERTOR DA GLORIA

O castello da condessa de Rudenis apresentava agora um aspecto nunca visto. Edificação da época de Luiz XIII, os seus salões eram actualmente um deslumbramento de riqueza. A galeria Henrique II, cheia de estatuas e tapessarias, era illuminada por janellas que deitavam para o parque e valle de S. João. Em todas as salas e corredores havia ha dias um grande movimento, tinham chegado os ultimos convidados, o castello parecia um grande hotel.

Estava se na vespera da representação do *Orfeo*. O ensaio geral realisara-se de dia, apenas com a assistencia dos artistas e nada mais.

A' noite, na sala do bilhar, havia talvez umas quarenta pessoas reunidas em grupos, a conversa corria animada.

No vão de uma janella, o Carbranches e Steinbaum conversavam; apesar de fallarem baixo, a conversação via-se que era animada.

(Continúa.)



Lucinda do Carmo

Carlos Santos

Palmira Torres

TEATRO NACIONAL.—3.º ACTO DA «HONRA JAPONESA»

PELOS TEATROS

Teatro Nacional

A «HONRA JAPONESA»

A primeira representação da famosa peça *A honra japonesa* correspondeu inteiramente á ansiosa expectativa do publico que a aplaudiu com entusiasmo e a tem frequentado com assiduidade espontanea, que bem denuncia o valôr da obra e o belo desempenho por parte de artistas cujos nomes não esqueceremos.

O seu autor Paulo Anthelme encontrou em Mello Barreto, não só um tradutor esplendido, mas ainda um adaptador primoroso, sem nada prejudicar o original no seu valôr e no seu interesse.

A Mello Barreto os nossos cumprimentos de boa camaradagem e os nossos parabens por mais

esta demonstração do seu conhecimento profundo em materia teatral.

A peça, cujo entrecho não publicaremos, porque já é sobejamente de todos conhecido, pelas noticias repetidas da imprensa diaria, compreende-se bem a curiosidade e o interesse despertado em nós portuguezes, porque nos mostra o Japão antigo com as suas tradições, o seu orgulho patriotico e oferece-nos ainda o ensejo de admirarmos as suas lindas paisagens, os seus trajés vistosos, as formosas *gueichas* e toda uma serie de encantos que nos fossem trazidos por um sonho, que a empreza da casa de Garrett nos realisou com toda a verdade possivel, esplendor e aparato, não olhando ao dispendio enorme para bem servir o publico.

Augusto Pina e Luiz Salvador, dois scenografos distintos, merecem louvores, pois que não nos recordamos de scenas mais belas do que as apresentadas no primeiro e ultimo actos, que por si bastavam para atrair ao teatro rara concurrencia, se não se tratasse duma peça de incontestavel valôr, que o tem, pois é rica em situações de efeito, especializando por exemplo o 4.º acto, quando o noivo se vê forçado a abandonar a noiva no dia que devêra ser o mais feliz de todos, e a scena do quinto acto quando o fatal destino torna inimigos irreconciliaveis pae e filho que d'antes se adoravam.

O desempenho foi brilhante por parte de alguns artistas que mantiveram os credits de grande responsabilidade adquiridos em anteriores trabalhos.

Especialisaremos pois, Ignacio, Augusto de Mello, Joaquim Costa, Luiz Pinto, Carlos Santos, Antonio Pinheiro, Palmira Torres e Lucinda do Carmo.

A honra japonesa constitue um espectáculo delicioso, digno de ser apreciado por todo o publico consciencioso e illustrado. Pena é que ás vezes pela sua extensão quebre ligeiramente o encanto de quasi toda a peça, o que se poderia evitar com uns côrtes cautelosamente feitos e que em nada prejudicando a estrutura magnifica da peça, lhe faria perder a nota ligeiramente fastidiosa que uma ou outra scena longa em episodios mais simples poderá despertar nos mais impacientes.

Emende-se pois este pequeno defeito e a peça marcará um logar triunfante na longa carreira de peça, gloriosa para os distintos artistas do nosso querido Teatro Nacional.

Teatro da Avenida

RAINHA DAS ROSAS

Posta luxuosamente em scena, a linda opereta — *A rainha das rosas* — está destinada a uma gloriosa e longa representação no Teatro da Ave-



Lucinda do Carmo e Inacio Peixoto

TEATRO NACIONAL.—4.º ACTO DA «HONRA JAPONESA»

nida. Não somente pelo valôr intrínseco da obra — graciosa textura do librêto e musica graciosíssima de Leoncavallo — mas também pelo valor e fama dos elementos que do elenco fazem parte, esta peça será ouvida, com delicia, em noites seguidas, pelos dilettantes deste genero levíssimo de teatro. Dizer que a musica é do insigne maestro Leoncavallo, tende a confirmar incontestavelmente os meritos e creditos da opereta. O nome do maestro, conhecido e apreciado, garante concorrência entusiastica e numerosa.

Ao elenco pertencem, entre outros artistas de bom aprêço, José Ricardo e Palmyra Bastos. Ha muito que eles são altamente considerados no meio teatral da nossa terra e é superfluo fazer o elogio das suas brilhantes qualidades, ainda que não seja de sobejo conhecê-los e apreciar-los mais e melhor.

Palmyra Bastos acaba de obter novo successo. A ruidosa ovação que os seus admiradores lhe prestaram, coroou honrosamente o desempenho notavel do seu papel de protagonista, graciosa e inteligente.

José Ricardo compartilhou com justiça dos aplausos dispensados ao successo da interessantissima opereta que é indubitavelmente a *Rainha das rosas*.



Academia dos Amadores de Musica

Mais uma noite de verdadeira arte, que nos deixou muito bem dispostos, a de 8 do corrente mez, no salão do Conservatorio, para apresentação de alunos dos diferentes cursos professados na Academia.

Em virtude do nosso jornal estar quasi totalmente composto á hora a que escrevemos estas linhas, não alargamos as nossas apreciações, limitando-nos a dizer que a conferencia sobre musica sacra pelo dr. Santos Farinha foi devêras interessante e esteve á altura dos reconhecidos talentos do illustre orador, que toda a assistência festejou.

A sr.^a D. Maria Helena Varella Cid agradou-nos extraordinariamente no trecho que cantou com voz segura e duma harmonia tão delicada e tão doce que nos comoveu profundamente.

Não ha duvida que é uma artista de temperamento muito raro. Asseguramos que a sua carreira artistica será rapida e brilhante.

Deixámos para o fim as nossas impressões sobre as sr.^{as} D. Sara Marques de Sousa e D. Olympia Perry Vidal Pereira Bastos, que recitaram primorosamente, com um invulgar senso artistico, e dando a todas as palavras, ainda as mais banaes, uma tão acentuada nota musical tirando dos versos uma tão larga porção de ritmo cantante, que devemos afirmar que todos os Poetas quando recitados por artistas de tal timbre e tal educação, ganham em imensa gloria para os seus versos, que não é o caso presente, pois os versos escolhidos são de duas raras individualidades do nosso meio literario, por todos respeitadas e admiradas com devoção, um desaparecido infelizmente, Almeida Garrett e outro poeta contemporaneo dos mais considerados entre os da sua geração, Afonso Lopes Vieira.

Consôla, na verdade, o vêr quantos favores á arte está prestando a Academia, com mais a nova aula — arte de dizer — cuja direção a cargo do illustre professor Lobo de Campos, a quem cabem totalmente os elogios feitos ás suas alunas, está soberbamente conhada.



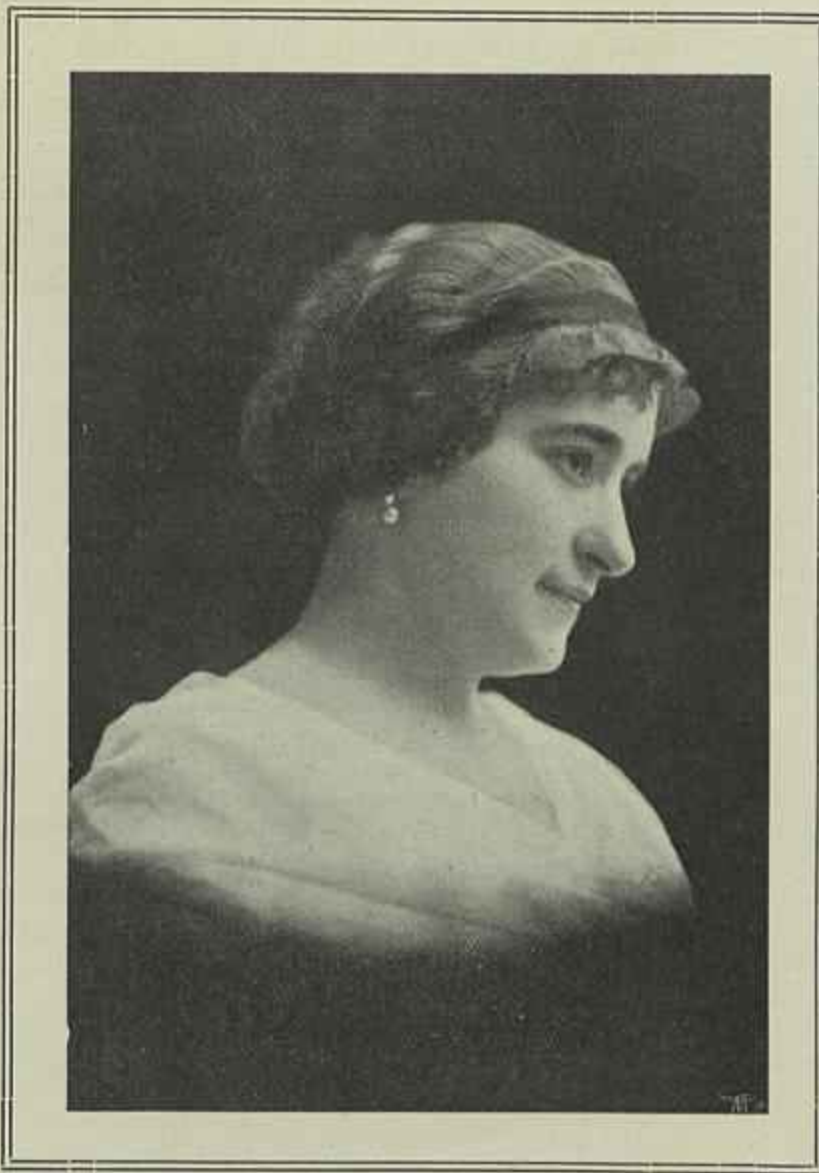
Feliz o homem que acha sabedoria e obtém intelligencia; é melhor a sua mercadoria que a de prata, e seus frutos melhores que ouro fino.

O boi soffre, o carro geme.

Reminiscencias da Exposição Nacional das Artes Graficas

(Concluido do numero antecedente)

Era neste salão que se encontravam quasi em modesto esquecimento, uns interessantes desenhos, em pedras litograficas. Em uma das paredes, a exposição de um metodo de taquigrafia; e como intentasse comprehender este meio de escripta, occorrem-me dois termos de comparação; aquellas tenuissimas e aconchegadas linhas em espiral, que, nos discos do gramofone, reproduzem a palavra com as modulações da voz, e um magnifico trabalho caligrafico, o *Compromisso de uma instituição de caridade*, em que só no fim



TEATRO DA AVENIDA — PALMYRA BASTOS

d'um persistente exame se podia adquirir a certeza de que se examinava um manuscrito, tão perfeito é elle que disputa primores a qualquer dos bons trabalhos de impressão tipografica, entre os quaes se achava exposto.

Diga-se, para honra do paciente e anonimo caligrafo, que um tal trabalho foi feito não antes do invento de Lourenço de Harlem, mas sim nos primeiros annos do seculo passado, quando a imprensa em Portugal já tinha productos como a edição vicentina das Ordenações do reino.

Ao sahir do grande salão para o corredor que lhe dá accessão, casualmente deparei, ao parecer escondida e envergonhada, em modestissima vitrine, com a pequena exposição da imprensa da Universidade de Coimbra. Seria acaso? Falta de espaço ou consequencia de uma tardia remessa? O que mais no corredor abundava, era a variedade de cartazes artisticos, para réclame, no meio dos quaes aquella pobresinha exposição devia sentir-se constrangida; e eu senti-me triste.

Minhas predileções por Coimbra datam do tempo da mocidade, por isso me doem quaesquer picadas de alfinete que possam vir a magoal-a-

Terminava o corredor em um patamar, d'onde sóbem dois lanços de escada de accessão para o andar superior do corpo principal do edificio, e, logo ao meio d'elles se abria, e bem illuminado por amplas janellas, um interessante salão.

A um dos angulos, um busto de Guttemberg, sobre uma peanha revestida de composição stereotipica, em zinco, do jornal *O Diario de Noticias*; á direita d'elle, o fornecimento d'uma grande collecção de latas de tinta de impressão e diversos rolos de diferentes tamanhos, com que nas maquinas a tinta se distribue.

Ao centro da sala, duas extensas mezas, com varios exemplares de edições litterarias e artisticas da Imprensa Nacional e entre ellas, volumosa mais que um duplo Missal Romano, a interessantissima revista «cientifica e historica de João Bonança, — *Historia da Lusitania e da Iberia*, — exemplares de edições e encadernações luxuosas; e quando entre ellas vi distinguir-se a dos *Luçiadadas*, comparei em mente o modesto volumezinho de uma das primeiras edições, a que já fiz referencia, com o volume que estava examinando, luxuoso e artistico; e perguntei-me se cada um d'elles seria o simbolo exacto de Portugal de então ou do de hoje? O de então caminhava para uma catastrophe (1572-1580); terá o de agora resurgido de outra?

Notaveis entre os objectos expostos, algumas pequenas cartas corograficas e topograficas em relevo, confeccionadas em exacta proporção com os relevos das regiões reproduzidas.

Chamavam e entretinham muito a attenção uns pacientes trabalhos de composição, em quadros, que, depois de reproduzidas pela impressão em tiragens successivas, compunham um elegante ramo de flores em diversos tons de uma só côr.

Os espectadores agrupavam-se deante das oito ou nove fórmulas da composição, deante da reprodução impressa de cada uma d'ellas, e por fim contemplavam o quadro que reproduzia o conjunto, sem saberem qual mais interessante, se a da composição, se a da estampagem, a impressão.

Para os que menos se prendessem com visualidades, offerciam-se á sua contemplação os primeiros elementos para a figuração da palavra pela escripta, desde os alfabetos runicos e coneiformes, e a seguir a de todos quantos satisfizeram ás necessidades das civilizações que lhes succederam. Sentia-se ali a admiravel evolução dos signaes graficos até á forma, quem sabe, se definitiva, dos caracteres de agora.

De publicações illustradas, não fallo da *Illustração Portuguesa*, que tão bem figurava na exposição de *O Seculo*, sómente um dos trinta e cinco volumes já completos de *O Occidente*, e alguns dos ultimos numeros de recente publicação.

Ao ler e ver n'elles tão extenso trabalho de Caetano Alberto, quedei-me a pensar n'esse tempo de mais de cincoenta annos remoto, quando nos encontravamos no seu gabinete de trabalho, onde, com verdadeiro primor em pacientes e firmes gravuras, punha em todo relevo os desenhos de Nogueira da Silva, destinados a enriquecer a publicação d'esse tempo, o semanario *Archivo Pittoresco*, onde Silva Tulio tão bem me acolheu, aceitou e aconselhou.

Influido pela sugestão do passado, quiz encontrar ali alguns dos antecessores do *O Occidente*, taes como um antigo *Archivo Popular*, o *Museu Pittoresco*, a *Revista Universal Lisbonense*, o *Fanorama*, a *Arte*, onde tantos e tão primorosos escriptores de nome consagrado, deixaram documentos de valioso estudo e brilhantes fulgurações de talento; e cahi na comprehensão de que não estava em um museu, em uma bibliotheca, nem ali se estava documentando a historia da arte. Esta exposição era na sua essencia uma demonstração do modo de ser actual das artes graficas na capital da Republica, e uma expan-

Miniaturas

Felizes os que morrem como um sonho...

Deitado num esquite, que parecia um ninho aveludado, tinha o rosto pequenino singelamente emoldurado de rosas. Fazia lembrar uma dessas figuras seraphicas de Giovanni da Fiesole, côr da hostia dos altares.

A Mãe, num desespero intimo, soltçava ao poisar-lhe na fronte o derradeiro beijo. Era uma dôr cruciante, que lhe escaldava o seio, uma dôr immensa, que não pôde encontrar lenitivo algum. O olhar de incendio, a face mirrada e cadaverica, dir-se-hia um phantasma que se erguera das sombras do tumulo em noite cavernosa. A Virgem roubara-lhe o filho — a Virgem a quem a desgraçada ensinara o anjinho a orar, de mãos postas. . .

Adeus! Um olhar ainda e elleahi vae cercado de rapasinhos de aldeia com quem brincára talvez dias antes, e que o levam agora á extrema jasida num tributo de amorosa saudade.

Como é lindo o acompanhamento. A musica entôa uma melodia, cheia de majestade e de candura; e as luzes accêsas, ao passar além sob o docel das ramadas, lembram o voejar dos pyrilampos á noite, entre a folhagem queimada.

Ouve-se o dobrar dos sinos: é a ballada de despedida á creancinha morta. Todos se descobrem commovidos; e um susurro de oração, como um murmúrio debil, levanta-se de todos os peitos.

Como faz estremecer este resar baixinho!

O Padre ora tambem; depois, quando tudo se cala, aljôfra o esquite de mansinho com um orvalho de agua-benta.

São as ultimas lagrimas da gente simples e religiosa da aldeia. . .

SILVA MATTOS.

MANUEL DA GRANJA.



A mentira é a alma da politica.



Paginas de Album. — Fasciculo II — Volume I por João Maria Ferreira (do Instituto de Coimbra).

Encontra-se já á venda o 2.º fasciculo das *Paginas de Album* do conhecido poeta João Maria Ferreira. N'este segundo numero são incluídas as seguintes personagens: D. Constança Telles da Gama, Antonio Cabreira, D. Alice Pestana (Caíel), Dr. Xavier da Cunha, Ph. Saguer, D. Maria Albertina Silva, Manoel Silva, Antonio Silva, Alfredo Lamas, D. Maria Luiza, João Queriol, Madame Sarti e Alberto Sarti. Cada medalhão é acompanhado de lindos versos, sendo uma publicação deveras interessante. Ao auctor agradecemos a offerta d'um exemplar.

A negação do Azar. — A Ciencia da Roleta. — A fisiologia do Jogo. — Uma cruzada moderna. — O problema do Jogo. — Obras de Victorino Coelho, Livraria Ventura Abrantes, Editor, rua do Alecrim — Lisboa.

Numa época assinalada, em Portugal por uma campanha incansavel e vehemente contra o jogo e sua regulamentação, publicam-se estes livros que assim tomam extranho interesse e aham irresistivel a curiosidade de amadores e profissionaes.

No frontespicio das suas obras, o autôr exarou estas palavras precisamente significativas de Custodio Rodrigues: *Napolção disse que o problema da roleta ainda havia de ser resolvido pelos matematicos. Visou alto de mais. A taboada é sufficiente.*

Nestas simples palavras se desvelam os intuitos do sr. Victorino Coelho que é um fervoroso e indefesso propagandista do método do sr. Joaquim Dolivaes Nunes. Podemos afirmar bem que estas obras são o esforço sincero para reabilitar o sr. Dolivaes de imputações menos verdadeiras e menos lisongeiras, que ingenuos e mal intencionados lançam com frequencia sobre a sua figura moral.

Nestes livros que o editôr, sr. Ventura Abrantes, teve a amabilidade de nos oferecer, acompanha-se, a par e passo, a ideia antiga do azar, esboçam-se os principios geraes que regem a Ciencia da Roleta e estuda-se com interesse a fisiologia complicada do jogo.

Não se imagine, porém, que a edição destas obras foi realisada para restaurar a jogatina nos clubs e assembleias de recreio em toda a impudencia desbragada de tempos já decorridos. Alguns destes livros pertencem por legitima appropriação ao Gremio do Método Dolivaes que é uma sociedade de propaganda contra o jogo.

são festiva; no entanto sinto verdadeiras saudades das antigas publicações illustradas pela gravura, em que tão distincto se afirmou depois como mestre, Caetano Alberto; mas os processos da gravura manual e dos desenhos que ella reproduzia vão passar aos limbos da historia, desde que a fotogravura da actualidade os expulsou. Acontece com elles o mesmo que com o ouro: é a moeda fraca a expulsão da circulação.

A fotozincografia satisfaz rapidamente ás necessidades da reportagem de hoje. E' o acontecimento da vespera, que o jornal nos dá figurando no dia seguinte.

Por fortuna era em toda a exposição este o logar unico em que se podia tomar algum descanso, mercê de dois sofás, com assentos de madeira pirogravada, um a cada lado da porta de entrada.

Para o lado esquerdo, á sahida, um corredor conduzia no mesmo plano a uma ultima instalação abundante em desenhos, fotografias e pinturas, sem fallar em duas curiosas maquinetas, representando em minusculos scenarios de theatro, duas das principaes scenas do *Hamlet*, e ainda em uma complicada maquina de colar sobrescriptos, servida por umas graciosas raparigas, que offerciam o producto como — Recordação da Exposição Nacional das Artes Graficas de 2 de outubro de 1913, que assim se expressavam os mesmos sobrescriptos.

Offercia esta exposição notaveis trabalhos de fotografia, que constituíam primores artisticos, já sob o ponto de vista da escolha do assumpto, já com respeito á finura, delicadeza e precisão dos tons da luz; e depois de se espreguiçar a vista de alto a baixo, pelas variadas decorações d'aquellas quatro paredes, sentia-se a serena dôura com que ella repousava nas graciosas agurellas de Roque Gameiro. Eram talvez uns dez a doze cartões do tamanho de bilhetes postaes, a chamar-nos a attenção e quanto mais se olhavam, com mais insistencia nos attrahiam.

Eram uns assumptos triviaes talvez, mas tratados com tal delicadeza, que o talento do aguarelista conseguiu de todo escurecer a nota de vulgaridade, se alguém lhe a quizesse attribuir.

Pode a sciencia fixar a luz e a côr; mas o sentimento, a vida, a alma, só para a mão genial, do artista está guardado o privilegio de os imprimir na sua obra.

Não pensei traçar aqui um comprehensivel esboço do que foi a exposição; e, em quanto a seu respeito deixo escripto, em outra coisa não pensei mais de que em apontar para memoria as impressões que ella me occasionou.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE» para todos os annos
PREÇO 800 RÉIS, CADA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

BOA PROPRIEDADE RUSTICA NA AFRICA OCCIDENTAL

Vende-se ou admittre-se socio para desenvolvimento d'uma fazenda agricola com 300 hectares de terreno, podendo adquirir-se mais de mil hectares, tudo terreno de primeira ordem para a cultura de todos os generos coloniaes.

A fazenda tem já em exploração 30 mil palmeiras, e está sendo plantada de café, cacau, arroz e mandioca.

Tem boas casas e armazens e machinas que podem ser aproveitadas para o fabrico d'assucar.

Agua com abundancia para consumo, regas e força motriz. Optima aquisição para formar uma grande companhia.

Na rua da Prata, 150, prestam-se mais esclarecimentos.

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doenças e sempre que é preciso levantar as forças.* E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

ALMANAQUE ILUSTRADO DO "OCCIDENTE"

Para 1914—PREÇO 100 RÉIS—Pelo correio 120

A SAÍR BREVEMENTE — RECEBEM-SE ENCOMENDAS DESDE JÁ NA EMPRESA DO «OCCIDENTE» — Poço Novo — LISBOA